

#cm

2

QUARTA-FEIRA



Para entrar na história

Imagine uma turnê pelas principais capitais brasileiras **reunindo num mesmo palco Alcione, Jorge Aragão e Zeca Pagodinho. Imaginou?** Pois bem, é real. Três dos maiores nomes do samba juntam **seus carismas e maiores sucessos numa série histórica de shows** que terá início, no dia 6 de junho, **no Maracanã. Afinal, onde mais esses craques da nossa música popular poderiam atuar?** Página 2

Higor Bastos/Divulgação



Jorge Aragão, Alcione e Zeca Pagodinho acumulam colaborações pontuais, mas numa estiveram juntos num evento desse porte

AFFONSO NUNES

Sambista que se preza gosta de estar entre os amigos, cantar junto e celebrar a vida. Mas vamos combinar que organizar uma turnê nacional reunindo três gigantes do gênero precisa transpor desafios logísticos, principalmente conciliar as agendas de artistas tão requisitados. Mas três dos maiores nomes da história do samba — Alcione, Jorge Aragão e Zeca Pagodinho conseguiram e se apresentarão no mesmo espaço pela primeira vez na turnê batizada de “Zeca, Alcione & Aragão - O maior Encontro do Samba” começando em 6 de junho no Maracanã, palco mais do que apropriado para três craques da música.

A comparação com o famoso concerto “Três Tenores” — o histórico encontro de Luciano Pavarotti, Plácido Domingo e José Carreras em 1990, nas Termas de Caracalla em Roma — é inevitável. Assim como aquele evento reuniu três gigantes da ópera mundial em um momento único, “O Maior Encontro do Samba” materializa a convergência de três artistas essenciais na história da canção popular brasileira, numa exaltação ao nosso modo de ser, de sentir e de deixar a vida levar, algo essencialmente brasileiro.

Zeca Pagodinho, nascido em 1959, consolidou-se como símbolo da espontaneidade e da boemia carioca. Desde seu álbum de estreia em 1986, construiu uma discografia de mais de 20 álbuns de estúdio, vendendo 12 milhões de cópias e

tornando-se referência do pagode romântico. Sua força está na capacidade de criar momentos de encontro — ele próprio brincou que “se fosse sozinho, não faria” a turnê.

Alcione, que completa 50 anos de carreira em 2026, é a força bruta do samba, aquela presença que não pede licença para brilhar. Sua voz grave e marcante atravessou décadas, consolidando-a como uma das maiores intérpretes do gênero, com uma discografia icônica que a posi-

ciona entre os nomes mais respeitados da música brasileira.

E Jorge Aragão, nascido em 1949, é o poeta elegante do trio — compositor de versos que atravessam o tempo, responsável por clássicos incortonaíveis.

O que torna essa turnê verdadeiramente histórica é o fato de que, apesar de décadas de proximidade, os três nunca haviam subido juntos ao palco em uma série de apresentações. Colabora-

ções pontuais existem — como o dueto “Mutirão de Amor” entre Zeca e Jorge, ou participações em programas de TV —, mas nunca uma empreitada dessa magnitude. A direção musical de Pretinho da Serrinha promete orquestrar esse encontro com sensibilidade, dividindo vocais em canções que marcaram as trajetórias individuais e em clássicos que pertencem ao patrimônio coletivo do samba.

A turnê conta com participa-

ções especiais de peso em cada uma das noites. Martinho da Vila, outro gigante do gênero, marca presença na estreia carioca e retorna em Salvador (19/12). Seu Jorge, Alexandre Pires, Péricles e Gilberto Gil complementam a celebração em diferentes cidades. Como abertura, o público assiste a “Arlindinho canta Arlindo Cruz”, tributo à obra do sambista que marcou gerações, interpretado pelo filho de Arlindo — uma homenagem dentro de uma homenagem.

O samba, historicamente, sempre foi sobre encontro, afeto e histórias compartilhadas. Não é um gênero que pertence a um tempo específico, mas a um modo de ser que atravessa gerações sem envelhecer. Nesse sentido, reunir Zeca, Alcione e Jorge Aragão no mesmo palco potencializa tudo aquilo que o samba representa em sua essência mais profunda e genuína. Cada um deles carrega uma identidade própria — a espontaneidade de Zeca, a força de Alcione, a elegância poética de Jorge — mas juntos formam algo maior. Muito maior!

SERVIÇO

ZECA, ALCIONE & ARAGÃO - O MAIOR ENCONTRO DO SAMBA

Datas e locais: Rio de Janeiro (6/6) — Maracanã; São Paulo (20/6, 21/6, 31/10) — Allianz Parque; Brasília (19/9) — Arena BRB Mané Garrincha; Curitiba (7/11) — Liga Arena; Porto Alegre (14/11) — Beira Rio; Belo Horizonte (28/11) — Mineirão; Salvador (19/12) — Casa de Apostas Arena Fonte Nova
Ingressos: www.eventim.com.br

Turnê histórica passará por **sete capitais**

Apresentações terão participações de Martinho da Vila, Gilberto Gil, Seu Jorge, Péricles e Alexandre Pires. Arlindinho faz os shows de abertura com tributo ao pai

A juventude como um jeito de ser

Segundo álbum d'Os Garotin traz participações de peso e consolida a trajetória do grupo de São Gonçalo, premiado com o Grammy Latino em seu disco de estreia

AFFONSO NUNES

Pouco mais de um ano após conquistar o Grammy Latino com o álbum de estreia "Os Garotin de São Gonçalo", o trio fluminense chega ao mercado com "Força da Juventude", segundo trabalho que consolida a trajetória do grupo e amplia sua proposta sonora e conceitual. O disco reúne 13 faixas que mantêm a tradição R&B do grupo, mas flerta com pop e MPB, incorporando elementos de funk, samba e soul sem abrir mão do groove e da assinatura romântica que marcou o primeiro álbum. Suas faixas sgerem uma reflexão multidisciplinar sobre postura, posicionamento e estilo de vida.

O conceito de "Força da Juventude" funciona como fio condutor de toda a obra. Mas não se trata reduzir o álbum a um trabalho sobre jovens. Juventude, aqui, se relaciona a um modo de ser e viver, o que está além de faixas etárias. "A Força da Juventude é sobre postura, posicionamento e estilo de vida. Também carrega a responsabilidade do jovem de olhar para o futuro e refletir sobre a forma como enxerga a vida — sempre em busca do novo e de uma existência mais intensa, com emoção", comenta Anchiex, um dos integrantes do trio.

A criação do álbum mantém o processo colaborativo que caracterizou o trabalho anterior. As músicas nascem da composição conjunta dos três integrantes, que desenham arranjos e harmonias vocais como



Anchetx, Cupertino e Leo Guima foram Os Garotin, que lança 'Força da Juventude'



ponto de partida antes de chegar ao estúdio. A produção fica novamente nas mãos de Julio Raposo, produtor musical responsável também pelo primeiro álbum. Segundo Cupertino, integrante do trio, essa divisão de trabalho trouxe maturidade ao projeto. "A gente participa muito no primeiro momento quando a ideia é compor as músicas e levantar algumas ideias de arranjo. A produção do Raposo entra para trazer harmonia e aprimorar todo esse material. Uma coisa muito importante é que a composição nasce antes da produção musical. No nosso trabalho, nós somos os compositores e, depois, os produtores 'colocam a roupa' nas canções", explica.

O processo colaborativo com o produtor trouxe uma visão mais sofisticada ao trabalho, sem perder a essência e identidade do grupo.

“Uma coisa muito importante é que a composição nasce antes da produção musical. No nosso trabalho, nós somos os compositores e, depois, os produtores colocam a roupa nas canções”

CUPERTINO

“Com ele, evoluímos bastante na composição. Respeitamos muito quando ele se impõe e recebemos isso muito bem, trazendo uma visão mais sofisticada, sem perder a nossa essência, o que faz manter a nossa identidade”, acrescenta Cupertino.

As participações têm o tamanho da ambição do disco. "Força da Juventude" reúne nomes como Lenine, Arthur Verocai, Hamilton de Holanda, Liniker, Marina Sena, BK, 2zDinizz e a cantora estadunidense Malia. Essa diversidade trazida por artistas dos mais variados estilos musicais e idades, amplia e redefine o próprio conceito do trabalho. "Apesar de a junção dos feats ter acontecido de forma natural reunindo Lenine, Arthur Verocai, Hamilton de Holanda, Marina Sena, BK e outros, o álbum reúne artistas de diferentes estilos e

idades. Acredito que isso, por si só, já traduz um conceito de juventude mais amplo, mostrando que ela pode ser apresentada de diversas formas", comenta Leo Guima, outro membro do trio.

Malia, cantora alternative R&B e neo-soul baseada em Los Angeles, colabora com Os Garotin na faixa "Deixa Eu Te Encontrar". Segundo ela, a experiência de trabalhar com o trio foi marcada por abertura e sintonia musical genuína. "Tento não colocar muitas expectativas na música depois que ela é lançada no mundo — só espero que as pessoas sintam algo quando a ouvirem. Essa, em especial, parece muito boa, com um espírito bem leve. Colaborar com Os Garotin foi uma experiência linda. Houve uma verdadeira sensação de abertura e sintonia musical, mesmo à distância

— parecia que estávamos falando a mesma língua emocionalmente", comenta.

"Se Joga", faixa que traz Marina Sena e o rapper BK, foi escolhida como foco principal do projeto. Com sonoridade pop e direta, a música sintetiza o espírito do disco ao unir universos distintos em uma composição com forte potencial de alcance.

O projeto transcende o áudio e se desdobra também nas artes visuais, reforçando o conceito de coletividade que guia toda a obra. Doze artistas de diferentes regiões do Brasil foram selecionados para criar obras inéditas inspiradas nas faixas do álbum. A curadoria mistura nomes já admirados pelo trio com artistas periféricos, ampliando o alcance dessas produções e propondo um diálogo direto e horizontal entre música e artes plásticas. As obras que compõem o projeto levam as assinaturas de Renata Leoa, Emerson Rocha, Pandro Nobã, Kika Carvalho, Elian Almeida, Blecaute, Maria Ismália, Tainan Cabral, Amanda Neves, Alexia Ferreira, Tássila Custodes e Marcos da Matta.

"Força da Juventude" marca um passo adiante na carreira de Os Garotin, consolidando a posição do trio como uma das vozes mais relevantes da black music brasileira neste século.

É tudo verdade...

NA CROISSETTE



Produções sobre futebol, retrato de um Beatle levado pela violência e filmes sobre filmes fazem do troféu L'Oeil d'Or uma zona franca para o real na Côte d'Azur



'The Match', dos hermanos Juan Cabral e Santiago Franco, recria a partida histórica entre Argentina e Inglaterra na Copa de 1986

Divulgação

Direção por "Uma Mente Brilhante" (2001) ataca vez por outra nas frajas documentais. Seu novo longa, "Avedon", é um estudo sobre um fotógrafo revolucionário. Com suas fotos, Richard Avedon (1923-2004) reeducou o padrão editorial de revistas como "Harper's Bazaar", "Vogue" e "Elle".

A América Latina bate um bolão na partida pelo L'Oeil d'Or com os passes de nuestros hermanos da Argentina, Juan Cabral e Santiago Franco, em "The Match". Os dois recriam uma partida histórica da Copa do Mundo de 1986. Outro goleador é "Maverick: The Epic Adventures of David Lean", que festeja o realizador de "Doutor Jivago" (1965).

A produção a vencer o L'Oeil d'Or de 2026 será conhecida nesta sexta, na véspera da entrega da Palma de Ouro. A cerimônia de premiação de docs rola no Salon des Ambassadeurs do Palais des Festivals. Além do troféu, quem vence embolsa um cheque de 5.000 euros para gastar no lançamento. O diretor ucraniano Mstyslav Chernov preside o júri, tendo Tabitha Jackson, Géraldine Pailhas, Lina Soualem e Victor Castanet em seu time de juradas e jurados.

Desde a criação do L'Oeil d'Or, há onze anos, seus vencedores foram "Allende, mi abuelo Allende", de Marcia Tambutti Allende (Chile/México), em 2015; o já citado "Cinema Novo", de Eryk Rocha (Brasil), em 2016; "Visages Villages", de Agnès Varda e JR (França), em 2017; "Samouni Road", de Stefano Savona (Itália), em 2018; ex aequo, "For Sama", de Waad Al-Kateab e Edward Watts (Síria/Reino Unido), e "La Cordillère des songes", de Patricio Guzmán (França/Chile), em 2019; "A Night of Knowing Nothing", de Payal Kapadia (Índia), em 2021; "All That Breathes", de Shaunak Sen (Índia), em 2022; ex aequo, "As Quatro Filhas de Olfá", de Kaouther Ben Hania (Tunísia/França/Alemanha), e "The Mother of All Lies", de Asmae El Moudir (Marrocos/Egito/Catar/Arábia Saudita), em 2023; ex aequo, "Ernest Cole: Achados e Perdidos", de Raoul Peck (França/Estados Unidos), e "The Brink of Dreams", de Nada Riyadh e Ayman El Amir (Egito/França/Dinamarca/Catar/Arábia Saudita), em 2024; e "Imago", de Déni Oumar Pitsaev (França/Bélgica), em 2025. É uma seleção rara de mestres com longo histórico de serviços prestados ao cinema e de novos talentos. Ou seja, é Cannes sendo Cannes.

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Hoje com 63 anos, Steven Soderbergh tem tudo para repetir neste Festival de Cannes um feito que o consagrou em 1989, na flor de suas 26 primaveras - e na flor de sua estreia em longas: seu nome se destaca como favorito a um dos troféus mais disputados da Croisette. Não é a Palma de Ouro - láurea que ele venceu no fim da década de 1980, com "sexo, mentiras e videotape" -, mas, sim, o L'Oeil d'Or. Esse é o nome da Palma dedicada só aos documentários. Ela surgiu em 2015 e, em seu segundo ano, teve o Brasil como vencedor: o vulcão sensorial "Cinema Novo", de Eryk Rocha, laureado em 2016. Soderbergh se impõe agora na disputa de maior devoção ao real da maratona francesa com "John Lennon: The Last Interview".

Nela, encontram-se resquícios da derradeira conversação de Lennon, antes de seu assassinato, em 8 de dezembro de 1980. A gravação do LP "Double Fantasy" é o mote de um papo para uma rádio que, agora, 46 anos depois, serve como pavimento para uma reinvenção dos códigos da estética de arquivo nas telas. É um retrato de Lennon por ele mesmo.

Além de Soderbergh, um outro diretor campeão de bilheteria de Hollywood busca o Olho de Ouro de Cannes: Ron Howard. O ganhador do Oscar de Melhor

CONCORRENTES À PALMA DOCUMENTAL DE 2026



Imagem do .doc 'John Lennon: The Last Interview'

- *"Avedon", de Ron Howard (Estados Unidos)
- *"Cantona", de David Tryhorn e Ben Nicholas (Reino Unido)
- *"Groundswell", de Joshua Tickell e Rebecca Tickell (Estados Unidos)
- *"John Lennon: The Last Interview", de Steven Soderbergh (Estados Unidos)
- *"Les survivants du Che", de Christophe Dimitti Reville (França)
- *"Rehearsals for a Revolution", de Pegah Ahangarani (Tchéquia/Espanha)
- *"The Match", de Juan Cabral e Santiago Franco (Argentina)
- *"Une vie manifeste", de Jean-Gabriel Périot (França)
- *"The Story of Documentary Film", de Mark Cousins (Reino Unido)



A estatueta do 'L'œil d'Or', o cobiçado prêmio para documentários no Festival de Cannes

- *"Dernsie: The Amazing Life of Bruce Dern", de Mike Mendez (Estados Unidos)
- *"Maverick: The Epic Adventures of David Lean", de Barnaby Thompson (Reino Unido/Estados Unidos)

- *"Vittorio De Sica - La vita in scena", de Francesco Zippel (Itália)
- *"Nostalgia for the Future", de Brecht Debackere (Bélgica)
- *"Tin Castle", de Alexander Murphy (Irlanda/França)
- *"Gabin", de Maxence Voiseux (França/Alemanha/Suíça)
- *"Merci d'être venu", de Alain Cavalier (França)
- *"Once Upon a Time in Harlem", de William Greaves e David Greaves (Estados Unidos)
- *"Cœur Secret", de Tom Fontenille (França)
- *"Dans la gueule de l'ogre", de Mahsa Karampour (França)
- *"La Détention", de Guillaume Massart (França)
- *"Virages", de Celine Carridroit e Aline Suter (Suíça/França)

Uns chamam amor...

outros chamam de conexão



Concorrente dos mais fortes ao Prix Un Certain Regard, 'All The Lovers In The Night', da diretora Sode Yukiko, redesenha os códigos do romantismo

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

ENo dia em que o drama nipônico "All The Lovers In The Night" levou o Palais des Festivals de Cannes a se engatar, em coro, naquele brado de "Ownnnn!!!", em sinal de forfura, seu astro mais famoso, Tanadobu Asano, celebrou o êxito comercial de sua mais recente investida em Hollywood: "Mortal Kombat 2". Ele é o Lorde Rayden, o Senhor dos Relâmpagos, na versão pra telona do videogame dos anos 1990. Brincou com o Correio da Manhã, na Croisette, ao evocar a expressão nerd "Fatality", típica desse jogo pop.



Tadanobu Asano com Yukino Kishii e a diretora Sode Yukiko (de branco)

Mas o trabalho que o traz à maratona cinéfila da França não parece dar vez a "game over", pelo menos não no coração da plateia. A direção impecável da cineasta japonesa Sode Yukiko é o pavimento de lirismo de uma quase "love story", em disputa na seção paralela Un Certain Regard.

"A forma como eu vejo as relações amorosas não tem lugar para perdas de individualidades. Se eu tenho duas pessoas, eu te-

nho duas singularidades e quero que ambas possam correr livres, sem depender uma da outra, com respeito ao espaço alheio", diz Sode Yukiko ao Correio, ao lado de Tadanobu e da atriz Yukino Kishii.

Sua estrela celebrava a forte presença do Japão em Cannes, em 2026: "Eu ouço falar deste festival desde antes de começar a trabalhar com cinema".

Na trama de "All The Lovers In The Night", a revisora Fuyuko

(papel de Yukino) gosta de andar pelas ruas de sua cidade, ali por volta das 0h, cada vez que aniversaria. Um dia, ela tromba com o professor Mitsutsuka (Tadanobu) e passa a ter encontros regulares com ele, até que segredos se deixam notar.

"Quando eu descobri a obra do (já finado) diretor Edward Yang (de 'As Coisas Simples da Vida'), eu encontrei um retrato delicado da sociedade de Taiwan, mas essa mirada sempre vinha

por meio de uma observação de trocas entre indivíduos. O ponto da obra dele era gente. O meu também, ainda que elementos culturais do Japão e marcadores do melodrama apareçam nesse meu filme", diz Sode. "Eu sigo os desejos de Fuyuko e Mitsutsuka e acompanho os sentimentos deles antes de me ater a qualquer parâmetro da nossa sociedade".

A premiação da mostra Un Certain Regard será anunciada nesta sexta-feira.



Aina Clotet comemora o aparecimento de vozes femininas potentes no cinema ibérico

Festa espanhola na Riviera

Ainda se recuperando das ofensivas ibéricas "El Ser Querido", de Rodrigo Sorogoyen, e "Natal Amargo", de Pedro Almodóvar, Cannes ganha um presente extra da Espanha, pelas vias da mostra paralela Semana da Crítica: "Viva", de Aina Clotet.

Atriz e diretora da série "This Is Not Sweden", Aina passa ao ci-

nema - com fortes chances de ser premiada - com uma trama sobre recomeços.

O roteiro fala de Nora, que, aos 40 anos, passou por uma experiência de quase morte. Ao sobreviver, ela é tomada por uma necessidade urgente de se sentir viva. Com isso, mergulha em relacionamentos apaixonados com dois homens muito

diferentes, Tom e Max, cujas naturezas opostas refletem seu próprio conflito interior.

"Eu me sinto orgulhosa ao ver tantas vozes femininas na direção que surgem da Espanha, com miradas únicas, muito diferentes", diz Aina. "Eu falo de uma mulher que busca força em si mesmo para enfrentar medos dos mais profundos".

Há um terceiro concorrente à Palma de Ouro a vir da Espanha, "La Bola Negra", de Javier Calvo e Javier Ambrossi, com Penélope Cruz. Sua projeção na Croisette será na quinta. (R.F.)

Nos abismos de Clarice

Cia Ensaio Aberto leva ao palco o universo fragmentado da escritora em monólogo com atuação de Tuca Moraes



Reprodução

Clarice Lispector, uma autora que não se impunha limites

A Companhia Ensaio Aberto aposta em um teatro de risco. “Palavras”, em cartaz na Sala Sérgio Britto do Armazém da Utopia até 11 de junho, coloca a atriz Tuca Moraes em um palco intimista — com capacidade para apenas 40 pessoas por sessão — para explorar o universo fragmentado de Clarice Lispector. Não é uma adaptação convencional. É uma imersão em frases, memórias, sentimentos e pensamentos da escritora, acumulados como em uma espiral, onde linguagem e sentidos se fazem à vista do público.

A proposta, assinada pela própria Moraes em dramaturgia e cena, sob direção de Luiz Fernando Lobo, invoca elementos do teatro narrativo e do teatro épico como ferramentas para desmontar a prosa de Clarice. Desde sua fundação em 1992, a Companhia Ensaio Aberto — coletivo teatral fundado por Lobo e Moraes — tem se dedicado ao teatro antiilusionista e à pesquisa de uma linguagem frontal na relação ator/espectador.

O teatro épico é um conceito desenvolvido por Bertolt Brecht, que busca provocar reflexão no espectador através da distância

crítica, não da identificação emocional. Aqui, a atriz se deixa conduzir pelo “pulsar de palavras” enquanto o diretor intervém com operações de luz e trilha sonora que provocam e dialogam com seu desempenho.

O espaço cênico, projetado por J.C. Serroni, reforça essa intimidade. As 40 cadeiras dispostas na sala criam uma proximidade rara no teatro contemporâneo, onde cada gesto, cada respiração de Moraes é visível e compartilhado. A iluminação de Cesar de Ramires e o figurino de Beth Filipecki e Renaldo Machado completam uma visualidade que busca ser tão delicada quanto enigmática, o que remete à própria figura de Clarice Lispector..

A autora, morta em 1977, deixou uma obra que explora estados de consciência, a relação entre linguagem e realidade, e a experiência fragmentada do ser. Seus livros — “A Hora da Estrela”, “A Paixão Segundo G.H.”, “Água Viva” — são conhecidos por uma prosa que se recusa a confortar. A linguagem fragmentada é marca registrada de sua escrita: frases curtas, interrupções, associações inesperadas que acompanham o ritmo instável da mente humana. “Toda verdadeira arte é experimentação, e, lamento contrariar muitos, toda verdadeira



Tuca Moraes em ‘Palavras’, uma imersão profunda (e sem freios) em frases, memórias e sentimentos de Clarice Lispector

“É um enorme desafio se jogar no abismo de Clarice, no abismo do mundo sem nenhuma linha de vida pra te salvar. O experimento é uma enorme desconstrução e uma aposta no encontro com cada espectador. É também levar ao extremo a relação de confiança atriz/diretor” **TUCA MORAES**

vida é experimentação, ninguém escapa”, afirma o diretor Luis Fernando Lobo.

Tuca Moraes descreve a experiência com precisão. “É um enorme desafio se jogar no abismo de Clarice, no abismo do mundo sem nenhuma linha de vida pra te salvar. O experimento é uma enorme desconstrução e uma aposta no encontro com cada espectador. É também levar

ao extremo a relação de confiança atriz/diretor. Eu me jogo. Se estiver me afundando, sei que o Luiz Fernando Lobo vai intervir. É um jogo de risco. Um jogo de verdade”, comenta, assumindo o estado de vulnerabilidade que alimenta o espetáculo. Não há personagem a esconder atrás, apenas a atriz e as palavras de Clarice.

Esse tipo de teatro — onde a vulnerabilidade é o próprio ma-

terial — ressoa com tendências contemporâneas de performance que questionam a separação entre ficção e presença real. A Companhia Ensaio Aberto, premiada e com carreira internacional, é conhecida por pesquisas teatrais que combinam documentação, teoria e prática. Sua sede no Armazém da Utopia, reaberta ao público em 2024 após restauração, tornou-se um espaço de referência para teatro experimental no Rio de Janeiro. O Armazém 6, na Zona Portuária, abriga dois teatros e funciona como centro cultural multidisciplinar, hospedando desde apresentações até debates e oficinas.

SERVIÇO PALAVRAS

Sala Sérgio Britto - Armazém da Utopia (Avenida Rodrigues Alves, s/n — Armazém 6, Zona Portuária)
Até 11/6, às quintas (19h)
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Marcus Faustini volta à direção teatral em espetáculo que explora colapso psicológico de jogador em escândalo de apostas

Um jogador de futebol envolvido em um escândalo com apostas digitais convoca uma jornalista de guerra para uma entrevista que rapidamente se transforma em confronto. O encontro entre Vicente (Paulo Verlings) e Nara (Elisa Pinheiro) é o ponto de partida de “Assim na Terra Como no Céu”, em cartaz até domingo (24) no Teatro Ipanema, com direção de Marcus Vinícius Faustini e texto inédito do antropólogo e cientista político Luiz Eduardo Soares. A peça encerra temporada em 24 de maio, com 20 sessões gratuitas.

Faustini, que não dirigia para o palco há alguns anos, retorna com um espetáculo que usa o futebol como linguagem para explorar poder, exposição e o que acontece quando um sujeito vira personagem público. “Usar o futebol como linguagem para falar de poder, exposição, do que acontece com um sujeito quando ele vira personagem público — é aí que a dramaturgia pode entrar com força, não pra ilustrar o jogo, mas pra revelar o que o jogo esconde”, explica o diretor em entrevista ao Correio.

A formação de Faustini com o futebol vem desde a infância. “Quando eu era moleque, colecionava cartas dos times do Campeonato Brasileiro. Nunca completava o álbum. Faltava dinheiro. Mas aprendia outra coisa: negociar, trocar, conversar. A rua era uma espécie de arquibancada permanente”, relembra. Ele observa que o teatro brasileiro tem poucos dramaturgos que enfrentaram o futebol de verdade — e que hoje existe um debate global forte sobre esporte e saúde mental. “Isso abre uma chave nova: o futebol deixa de ser só espetáculo ou performance e passa a ser também campo de subjetividade, de pressão, de colapso, de reinvenção.”

Na peça, Vicente está à beira do colapso pessoal e profissional. Nara, a jornalista, não é apenas quem revela a história — ela também está em risco, atravessada pelas mesmas pressões que caracterizam o jornalismo nos dias de hoje. Faustini aponta que os jornalistas hoje não estão só mediando a realidade. “Pressão das redes sociais, violência simbólica das fake news, ataques



Os atores Paulo Verlings e Elisa Pinheiro em cena de ‘Assim na Terra Como no Céu’, uma provocação sobre temas na agenda do dia

Pressão, mídia e saúde mental entram em campo

coordenados, interesses econômicos e políticos cada vez mais explícitos. Isso desloca o debate. Não dá mais para falar da mídia apenas como estrutura de poder, é preciso olhar para os sujeitos que operam essa máquina, sob tensão constante”, destaca.

O processo criativo com Luiz Eduardo Soares começou com uma provocação: futebol, bets, jornalismo, inteligência artificial

e saúde mental. Soares transformou esses elementos em conflito humano. “Luiz não escreve tese, escreve gente. O que mais me atrai nele é essa capacidade de olhar para estruturas de poder sem perder a dimensão ética e subjetiva dos personagens. Ele entende o Brasil em profundidade, mas escreve sem didatismo”, destaca Faustini. A parceria entre os dois já havia produzido “Entrevista com Vândalo” (2014),

“Usar o futebol como linguagem para falar de poder, exposição, do que acontece com um sujeito quando ele vira personagem público — é aí que a dramaturgia pode entrar com força, não pra ilustrar o jogo, mas pra revelar o que o jogo esconde”

MARCUS VINÍCIUS FAUSTINI

peça sobre os protestos de 2013 que abordava o conflito entre um policial e um black bloc.

A peça não é sobre o escândalo de apostas — é sobre o que levou o jogador até ali. Vicente e Nara, apesar de virem de universos diferentes, compartilham a mesma condição: ambos são pressionados por sistemas que transformam talento em mercadoria e vida em desempenho. Ela construiu uma carreira sólida, mas começa a perceber que o mundo que cobre está escapando ao controle. Ele quer sair do jogo, mas não consegue simplesmente parar.

O espetáculo também atravessa o impacto das inteligências artificiais na produção de informação e na própria noção de verdade — tema que Soares considera central no presente. A peça desmonta a fantasia de que dinheiro, fama e reconhecimento resolvem o abismo interior. O que aparece é o custo psíquico de continuar performando quando você já não aguenta mais.

Para Faustini, o retorno à direção teatral agora é um gesto essencial. “O teatro, pra mim, é o melhor lugar pra sentir e pensar a vida ao

mesmo tempo. Voltar ao palco agora não é um gesto nostálgico. É um retorno ao essencial, ao lugar onde o encontro acontece sem mediação — no corpo, na palavra e no risco”, opina, acrescentando que o teatro atravessou sua infância e juventude na periferia como espaço de descoberta, de linguagem e de possibilidade de mundo.

No elenco, Paulo Verlings interpreta Vicente, o jogador em colapso. Elisa Pinheiro é Nara, a jornalista de guerra. Ambos os atores estão em “estado de graça no palco”, segundo Faustini. A direção transforma o encontro em uma partida falada, geopolítica, onde a consciência do público funciona como árbitro.

SERVIÇO

ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU

Teatro Ipanema (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema)
Até 24/5, às quintas e sextas (20h), sábados (17h e 20h) e domingos (19h)
Ingressos gratuitos, com retirada na bilheteria

Quatro OLHARES mineiros

Coletiva 'Caminho do Ouro' reúne obras dos artistas Hélio Siqueira, Paulo Miranda, Paulo Torres e Petrillo no CasaShopping Barra



Fotos/Divulgação



linguagens distintas: cerâmica de alta temperatura queimada em fornos Anagama e Novorigama, pintura em técnica mista com pigmentos naturais, colagem, carvão e pastel oleoso, além de esculturas que incorporam concreto e terra extraídos das ruas das cidades mineiras.

Hélio Siqueira apresenta a série "Bilhas", objetos cerâmicos que dialogam com as formas das peças utilitárias da antiguidade — reservatórios de água que marcaram a vida rural. Algumas peças mantêm referências diretas; outras partem delas para criar formas contemporâneas que discutem a cerâmica como objeto artístico. Potes, castiçais, moendas e pilões que enfeitavam as fazendas ganham nova vida em ciclos de queima que duram até 72 horas ininterruptas.

Paulo Miranda parte da paisagem para uma investigação sobre memória e tempo. Suas pinturas capturam cenas de entardecer em transformação: brancos que se tingem de amarelo, pretos que evidenciam luz e sombra, verdes que se adensam em tons oliva. A obra "Terra Vermelha", destaque da mostra, organiza-se como tríptico em que o movimento é central — suas

partes sugerem o deslocamento do solo, evocando placas tectônicas e um tempo em permanente tensão.

Paulo Torres investiga aquilo que se oculta sob as camadas urbanas: cores veladas, marcas, desgastes e vestígios que a cidade acumula silenciosamente. O artista cola telas em ruas, viadutos e calçadas, extraíndo a epiderme da cidade para reorganizá-la em paisagens que não representam, mas reinterpretam o espaço urbano sob um olhar singular.

Petrillo volta-se para as jazidas e a topografia mineira, reinventando o território por meio de uma abordagem lúdica. Suas montanhas e serras são recriadas de forma onírica, em composições que evocam memória e imaginação, com uma paleta marcada por tonalidades terrosas que reforçam a materialidade das superfícies.

AFFONSO NUNES

Quatro artistas mineiros — Hélio Siqueira, Paulo Miranda, Paulo Torres e Petrillo — se reúnem para investigar, cada um à sua maneira, as camadas de memória e matéria que definem as paisagens de Minas Gerais. A coletiva "O Caminho do Ouro", que abre nesta quinta-feira (21) na a.thebaldigaleria, no CasaShopping da Barra da Tijuca, reúne trabalhos inéditos que dialogam entre tradição e contemporaneidade.

O conjunto de obras atravessa



O conjunto de obras atravessa linguagens distintas: cerâmica de alta temperatura, pintura em técnica mista com pigmentos naturais, colagem, carvão e pastel oleoso, além de esculturas que incorporam concreto e terra extraídos das ruas das cidades mineiras

SERVIÇO

O CAMINHO DO OURO

a.thebaldigaleria (Av. Ayrton Senna, 2.150 - Bloco G - Loja F — Barra da Tijuca)

De 21/5 a 14/6, segunda a sábado (10h às 20h) e domingos (14h às 20h)